

DAVID GROSSMAN

O inferno dos outros

Tradução do hebraico
Paulo Geiger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 2014 by David Grossman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

סוס צחר נכנס לְבָר

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Justin Horrocks/ iStock

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Márcia Moura

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grossman, David

O inferno dos outros / David Grossman ; tradução do hebraico Paulo Geiger. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2782-5

Título original: סוס צחר נכנס לְבָר

1. Ficção israelense I. Título.

16-05652

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura israelense 892.43

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

“Boa noite, boa noite, bo-a noite, Cesarei-a!!!”

O palco ainda está vazio. O grito ecoa por trás das cortinas, as pessoas na plateia vão aos poucos se calando e sorriem na expectativa. Um homem de aspecto frágil, baixo e de óculos entra no palco por uma porta lateral, como se tivesse sido expulso ou chutado de lá. Ele cambaleia mais alguns passos, quase cai, evita a queda apoiando as duas mãos no chão de madeira e, então, num movimento brusco, joga a bunda para cima. Risos e aplausos se espalham pelo público. Pessoas que ainda estavam no saguão vão entrando, conversando em voz alta. “Minhas senhoras e meus senhores”, anuncia com os lábios contraídos o homem que está sentado à mesa de controle, “uma salva de palmas para Dovale G.” O homem no palco ainda está agachado como um macaco, seus grandes óculos descansam tortos sobre o nariz. Ele volta o rosto devagar para o salão, olha longamente, sem piscar.

“Espere um pouco”, ele diz, “não é Cesareia, não é mesmo?” Risos. Ele se endireita devagar e tira a poeira das mãos. “Meu agente me ferrou mais uma vez?” No público ouvem-se gritos.

O homem olha para a plateia em choque: “O que é isso? O que é que vocês disseram? Você aí, mesa sete, sim, você, parabéns pela boca nova, ficou muito bem em você!”. A mulher dá um risinho e esconde os lábios com a mão. Ele está de pé na beira do palco, balança levemente o corpo para a frente e para trás. “Fala sério, meu bem, você disse mesmo *Netanya*?” Arregala os olhos, quase do tamanho da lente dos óculos: “Deixa eu entender: você está realmente me dizendo na caradura que estou agora mesmo em *Netanya*, e ainda por cima sem colete à prova de balas?”. Ele cruza as mãos sobre a virilha, assustado. O público urra de satisfação. Aqui e ali escutam-se assobios. Alguns casais ainda estão entrando, depois um grupo ruidoso de rapazes, ao que parece soldados de licença. O pequeno salão vai enchendo. Conhecidos acenam uns para os outros. Três garçonetes de short e reluzentes camisetas lilases saem da cozinha e se espalham entre as mesas.

“Olha, Boca”, ele sorri para a mulher na mesa sete, “ainda não terminamos, vamos falar sobre isso... não, não vamos, porque você até me parece ser uma moça séria e com um senso estético original, se é que estou entendendo bem esse seu penteado fascinante, que quem fez — deixe-me adivinhar — foi o mesmo arquiteto que nos deu as mesquitas no monte do Templo e a usina atômica de Dimona?” Risos na plateia. “E se não me engano, sinto o cheiro aqui também de uma porrada de dinheiro... estou certo ou não? Hã? A camada superior? Não? De jeito nenhum? Vou te dizer por quê, é porque também estou vendo um esplendoroso botox, sem falar numa redução de seios que saiu completamente do controle. Acredite em mim, eu amputaria as mãos desse cirurgião.”

A mulher junta os braços ao corpo e cobre o rosto com as mãos, deixando escapar gritinhos entre os dedos, como se sentisse cócegas. Enquanto fala, o homem caminha rapidamente

pelo palco de um lado para outro, esfrega as mãos e varre com o olhar o público. O salto da bota de vaqueiro acompanha sua movimentação com um tamborilar seco. “Só me explique, meu bem”, ele grita sem olhar para ela, “como é que uma moça inteligente como você não sabe que uma coisa dessas tem que ser dita com cuidado, com bom senso, com tato, não se chega para alguém de repente com um ‘*Você está em Netanya! Bum!*’. O que há com você? É preciso preparar a pessoa, especialmente se ela é magra assim”: ele levanta num movimento rápido sua camisa desbotada, e um suspiro incontrolável passa pela plateia. “Então, não é isso mesmo?” Ele exhibe o corpo desnudo também para os que estão sentados à direita e à esquerda do palco, e lhes lança um amplo sorriso. “Vocês viram? Pele e osso, a maior parte é cartilagem. Juro, se eu fosse um cavalo já tinha virado cola, não é mesmo?” Na plateia, risinhos constrangidos, murmúrios de repulsa. “Entenda, minha irmã”, ele se dirige de novo à mulher da mesa sete, “da próxima vez, saiba que notícias como esta devem ser dadas com cuidado, e antes se providencia um sedativo, um anestésico, pelo amor de Deus. Com delicadeza se anestesia o lóbulo da orelha: ‘Parabéns, Dovale, o mais belo dos homens, você venceu, foi escolhido para participar de um experimento especial na região da planície costeira, nada muito demorado, uma hora e meia, no máximo duas horas, que é o limite que uma pessoa normal pode ficar exposta à população daqui’.”

O público ri e o homem se espanta: “Do que vocês estão rindo, seus imbecis? Estou falando de vocês.”. O público ri ainda mais, e ele: “Um segundo, vamos esclarecer uma coisa: já disseram que vocês só estão aqui para um treino, antes de deixarmos entrar o público de verdade?”. Assobios, gargalhadas. De alguns cantos da plateia ouvem-se também alguns longos “buuuu” e batidas nas mesas, mas a maior parte do público acha graça. Mais um casal entra no salão, os dois compridos e magros,

cabelos dourados e plumosos saltitando sobre a testa: um rapaz e uma moça jovens, ou talvez dois rapazes, envoltos num negro reluzente, capacetes de motociclista debaixo dos braços. O homem em cima do palco lança-lhes um olhar e uma ruga fina se arqueia acima de seus olhos.

Ele se movimenta sem parar. De vez em quando acompanha sua fala com um rápido soco no ar e então, se esquivando como um boxeador, evita o soco de um adversário invisível. O público se diverte. Ele coloca a mão acima dos olhos e investiga a plateia, já quase toda às escuras.

Está procurando por mim.

“Aqui entre nós, meus irmãos, agora eu deveria pôr a mão no coração e dizer a vocês como eu adoro, como sou louco por Netanya, não é verdade?” “Verdade”, respondem alguns jovens do público. “É como é bom para mim estar com vocês numa quinta-feira à noite nessa encantadora zona industrial, e ainda por cima neste porão, bem em cima dessas atraentes camadas de radônio, e tirar uma série de piadas da bunda para vocês, certo?” “Certo!”, o público grita. “Não!”, o homem declara, esfregando as mãos satisfeito. “Tudo isso é besteira, com exceção da parte sobre a minha bunda, porque na verdade, deixa eu dizer uma coisa, não suporto essa cidade de vocês, essa Netanya me causa um pavor mortal! A cada dois sujeitos na rua, um parece um desses participantes do programa de proteção a testemunhas, e o outro está com o primeiro embrulhado num saco de plástico preto no porta-malas. E podem acreditar em mim, se eu não tivesse de pagar pensão alimentícia para três mulheres encantadoras, e também para um-dois-três-quatro-cinco filhos — cinco: ele enfia na cara do público uma mão com os dedos abertos —, juro, está aqui, diante de vocês, o primeiro homem na história que teve depressão pós-parto. Cinco vezes depressão pós-parto. Na verdade quatro, pois dois são gêmeos. E na verdade cinco, se contarmos

também a depressão depois do *meu* parto. E mesmo assim, uma coisa boa vocês ganharam por causa de toda essa bagunça: vocês, habitantes de Netanya, a mais emocionante das cidades, pois se não fossem meus vampiros com dentes de leite nunca, nunca que eu estaria aqui esta noite pelos setecentos e cinquenta shekels que Ioav me paga sem nota fiscal e sem um muito obrigado. Então, meus irmãos, vamos comemorar esta noite, vamos botar pra quebrar! *Uma salva de palmas para a rainha Netanya!*”

Os espectadores aplaudem, um pouco confusos com a reviravolta, mas contagiados pelo urro cordial e pelo doce sorriso que de repente ilumina o rosto do homem e o transforma completamente. Desaparece a expressão torturada, amarga e zombeteira, e como num flash fotográfico surge o rosto de um intelectual de feições agradáveis e delicadas, quase divertidas, que não tem nem pode ter nada a ver com o que ele estava fazendo jorrar aqui.

E ele, sem dúvida, diverte-se com a confusão que está causando. Gira lentamente mantendo uma perna como eixo, como se fosse um compasso, e quando completa a volta seu rosto está novamente enrugado e amargo: “Eis aí uma notícia animadora, Netanya. Vocês nem imaginam o prêmio de loteria que ganharam, pois hoje, exatamente 20 de agosto, é também por acaso o meu aniversário, obrigado, obrigado mesmo”, ele inclina a cabeça com modéstia, “sim, hoje, há cinquenta e sete anos o mundo se tornou um lugar um pouco pior para se viver, obrigado, meus queridos”. Ele arrasta os pés de uma ponta a outra do palco e agita as mãos diante do rosto como um leque imaginário. “Muito gentil da parte de vocês, realmente vocês não precisavam, estão exagerando; podem deixar os cheques na caixinha que fica na saída, dinheiro vocês podem colocar no meu peito no fim do show, e caso tenham vale-sexo podem subir agora mesmo para me dar.”

Aqui e ali pessoas erguem os copos em sua direção. Alguns casais entram fazendo grande algazarra — os homens aplaudem enquanto caminham — e se sentam em mesas próximas ao bar. Acenam para ele e as mulheres gritam seu nome. Ele aperta os olhos, devolve um aceno geral, hesitante e míope. Várias vezes ele olha em direção à minha mesa, num canto do salão. Desde o momento em que subiu no palco está tentando me encontrar. Mas não consigo olhar diretamente para ele. O ar aqui não está me fazendo bem. O ar que ele respira não me faz bem.

“Quem aqui já passou dos cinquenta e sete levante a mão!” Mãos são erguidas. Ele as varre com o olhar e assente, admirado: “Vocês me impressionaram, Netanya! E me deram esperança. Não, não é tão simples chegar a uma idade dessas por aqui, não é mesmo? Ioav, jogue uma luz no público para que possamos ver... eu disse cinquenta e sete, senhora, não setenta e cinco... Calma, galera, um de cada vez, tem Dovale para todo mundo. Sim, mesa quatro, o que você disse? Você também tem cinquenta e sete? Cinquenta e oito? É espantoso! Profundo! Prafrentex! E quando vai ser isso, você disse? Amanhã? Parabéns! E como você se chama? Como? Pode repetir? Ior-Iorai? Está brincando comigo? Este é o seu nome ou é o do curso que você fez no Exército? *Ual’la*, meu irmão, seus pais te sacanearam, não é mesmo?”

O homem chamado Iorai ri sem constrangimento. Sua corpulenta esposa se aperta contra ele, acaricia sua careca em movimentos circulares.

“E essa que está do seu lado, meu irmão, que está marcando território em você, é sra. Iorai? Força, meu irmão... porque você com certeza esperava que ‘Iorai’ seria o último golpe que o destino reservou para você, não é? Você só tinha três anos quando percebeu o que seus pais fizeram”, ele caminha devagar pelo palco, tocando um violino invisível, “ficou sentado sozinho e

abandonado num canto do jardim de infância, roendo a cebola que sua mãe tinha posto na sua lancheira, olhou para as crianças que brincavam juntas e disse para você mesmo: ‘Anime-se, Iorai, o raio não cai duas vezes no mesmo lugar’... *Surprise! Ele caiu sim, duas vezes!* Boa noite, sra. Iorai! Diga-me, meu bem, cá entre nós, você está pensando em nos incluir, contando qual é a maliciosa surpresa que está preparando para seu marido no dia dele? Não, pois eu olho para você e de algum jeito sei o que se passa agora na sua cabeça: ‘Porque como é seu aniversário, Ioraikale, eu vou dar pra você esta noite, mas nem pense em fazer comigo o que tentou em 10 de julho de 1986!’”. O público ri, e a madame também se sacode num riso que chega em ondas a seu rosto. “Agora me diga, sra. Iorai”, ele abaixa a voz até um sussurro, “cá entre nós, você realmente acha que esses colares e correntes escondem todos os seus queixos? Não, sério, você acha honesto que em tempos escassos como estes, quando o país está cheio de jovens casais que têm de se bastar com um queixo só”, ele desliza a mão em seu próprio queixo, ausente, que o deixa por momentos com o aspecto de um roedor assustado, “você, com essa fartura toda, se permite ter dois, quer dizer: três! Senhora, só da pele desse papo seria possível fazer mais uma fileira de tendas para os jovens que protestam na avenida Rothschild!” Risos esparsos na plateia. O sorriso da madame, um pouco tenso, deixa seus dentes à mostra.

“E por falar nisso, Netanya, já que estamos falando da minha teoria econômica, quero ressaltar agora, inclusive para acabar com qualquer dúvida, que sou totalmente a favor de uma reforma ampla de todo o sistema financeiro!” Ele para, recobra o fôlego, pousa as mãos na cintura, ri: “Sou um gênio, juro, da minha boca saem palavras que eu mesmo não entendo! Ouçam bem, há pelo menos dez minutos estou com a ideia fixa de que impostos devem ser cobrados unicamente segundo o peso da pes-

soa, imposto sobre a carne!”. Mais um olhar na minha direção, um olhar admirado, quase assustado, que tenta arrancar de mim aquele rapaz magro do qual ele se lembra. “O que seria mais justo do que isso, vocês poderiam me dizer? É a coisa mais objetiva desse mundo!” E ele de novo ergue a camisa até o queixo, desta vez enrolando para cima num movimento lento e provocante, desnudando uma barriga chata com uma cicatriz na horizontal e um tórax estreito com costelas horrivelmente salientes, com a pele sobre elas enrugada e cheia de úlceras. “Também poderia ser proporcional à quantidade de queixos, como dissemos, mas por mim poderia haver gradações de imposto.” A camisa ainda está enrolada. Pessoas olham com repulsa, outras viram o rosto, algumas sopram o ar pelos lábios num assobio baixinho. Ele avalia as reações com um entusiasmo escancarado, ávido. “Exijo um imposto progressivo sobre a carne! Com taxação adicional por pneus, pança, bunda, coxas grossas, celulite, peitinhos masculinos e aquelas pelancas penduradas no braço das mulheres! E o melhor neste meu método é que não tem discussão nem interpretações para cá e para lá: engordou, pagou!” Finalmente ele deixa a camisa desenrolar e cair. “Vocês podem me matar, mas definitivamente não consigo entender a ideia de cobrar impostos de quem ganha dinheiro. O que tem a ver? Prestem atenção, Netanya, ouçam bem o que vou dizer: só se deve cobrar impostos de quem o Estado tenha motivo suficiente para suspeitar que vai muito bem: de quem está rindo à toa, de quem é jovem, saudável, otimista, deu uma trepada esta noite, fica assobiando durante o dia. Só dessa corja é que temos de cobrar e arrancar a pele sem pena!”

A maior parte do público aplaude com simpatia, mas uma minoria, a juventude da plateia, arredonda os lábios como macacos e vaia. Ele enxuga o suor do rosto com um lenço vermelho, um lenço enorme de palhaço circense, e deixa que os dois

grupos se sobreponham um ao outro, para a satisfação de todos. Enquanto isso, recobra o fôlego, põe a mão acima dos olhos e mais uma vez busca o meu olhar, insiste, obstinado, em meu olhar. E eis agora — um lampejo recíproco, que ninguém além de nós, assim espero, poderá perceber. Você veio, dizem os olhos dele, veja o que o tempo fez com a gente, estou aqui bem diante de você, não tenha pena de mim.

E logo se afasta, ergue a mão, acalma o público: “O quê? Não ouvi... Fale mais alto, mesa nove! Ah, sim, só me explique antes como é que vocês fazem isso, porque eu nunca consegui entender... Fazer o quê? Esse negócio de unir as sobrancelhas! Não, vai, conta pra mim, vocês costuram uma na outra? É uma coisa que se ensina no serviço militar?”. De repente ele se empertiga em posição de sentido, todo esticado, e grita: “Falando no Exército, o meu pai era um sionista linha-dura, admirador do Jabotinsky, mais respeito!”. De algumas mesas vem uma forte salva de palmas, em desafio, que ele interrompe com um leve movimento da mão. “Fale, mesa nove, não se acanhe, essa é por minha conta. O que você disse? Não, não é piada, Gargamel, hoje é realmente meu aniversário. Exatamente agora, mais ou menos nesta hora, no velho Hospital Hadassah em Jerusalém, minha mãe, Sara Grinstein, começou a me parir! Inacreditável, não é? Uma mulher que sempre disse que só queria o meu bem, mesmo assim me deu à luz! E, por mais que vocês pensem em todos os julgamentos e prisões e investigações e séries criminais que existem por causa de assassinatos, eu nunca ouvi dizer de um só deles que tenha acontecido por alguém ter dado à luz! Parto premeditado, parto por negligência, parto culposo, nem mesmo incitação ao parto! E lembrem-se de que estamos falando de um crime cuja vítima é um bebê!” Ele abre bem a boca para respirar, como se estivesse sufocando. “Tem algum juiz na plateia? Um advogado?”

Eu me encolho na cadeira. Não permito que seu olhar se agarre a mim. Para minha sorte, três jovens casais não muito longe fazem sinais para ele. Ficamos sabendo que estudam direito em uma das faculdades locais. “Fora!”, ele grita com uma voz horrível enquanto agita braços e pernas, e o público vaia com assobios. “O anjo da morte”, ele ri ofegante, “chega para um advogado e diz que veio para levá-lo. O advogado chora, implora: ‘Mas eu só tenho quarenta anos!’ Não de acordo com as horas cobradas dos seus clientes!” Um soco rápido no ar, um giro completo sobre o próprio corpo. Os estudantes riem mais que qualquer um.

“Agora, falando da minha mãe”, seu rosto fica sério. “Peço sua atenção, senhoras e senhores do júri, trata-se de um caso criminal. Dizem as más línguas, mas são apenas boatos, que quando a deixaram me segurar logo depois do parto ela parecia sorrir, talvez até mesmo *de felicidade*. Cascaata, eu digo a vocês! Calúnia grosseira!” O público ri. O homem de repente cai de joelhos na beira do palco e inclina a cabeça. “Perdão, mãe, fiz besteira, te traí, mais uma vez te vendi por algumas risadas. Sou uma prostituta de risadas, não posso me redimir...” Ele dá um salto e fica de pé, o que parece deixá-lo tonto, pois ele balança. “Agora, sério, sem piada, ela era a mãe mais bonita do mundo, juro! Já não se fazem mulheres classudas que nem ela, olhos azuis enormes”, ele estica os dedos das mãos para o público e eu me lembro do azul brilhante, penetrante dos olhos dela quando eu era menino, “e era a coisa mais desequilibrada do mundo, e a mais triste”, com o dedo ele desenha uma lágrima sob os olhos e a boca se arredonda num sorriso. “Foi nisso que deu, assim fomos sorteados, não tem do que reclamar, e o meu pai também, na verdade, era bem legal.” Ele para, coça com força os tufos de cabelo em suas têmporas. “Ah... me deem um minuto e vou contar uma coisa a vocês... sim! Ele era um barbeiro excepcional, e não cobrava nada de mim, embora isso fosse contra os princípios dele.”

E me lança mais um olhar. Está conferindo se estou rindo. Mas eu nem tento fingir. Peço uma cerveja e uma dose de vodka. Como ele diz, preciso de um sedativo para passar por isso.

Sedativo? Preciso mesmo é de uma anestesia geral.

Ele volta a se agitar. Como se estivesse se empurrando para a frente, cada vez mais. Uma luz o ilumina de cima, sombras muito animadas o acompanham. Seu movimento é refletido, com um estranho atraso, nas curvas de um grande jarro de cobre, encostado à parede atrás dele, talvez um resquício de alguma peça encenada aqui um dia.

“Sobre o meu nascimento, Netanya, vamos dedicar meio minuto a esse evento cósmico, porque eu — e não estou falando de agora, que sou o suprássimo do mundo do entretenimento, um louco e conhecido símbolo sexual”, ele faz uma pausa, balança a cabeça com a boca aberta, dá tempo para que acabem de rir, “eu, antigamente, na aurora da minha vida, em resumo, quando era pequeno, como eu era fodido. Todas as minhas conexões cerebrais estavam ao contrário, vocês não acreditariam que menino bizarro eu era... não, sério”, ele sorri, “quer rir, Netanya? Quer rir de verdade? Que pergunta desprezível”, ele se repreende. “Alô! Esta é uma noite de stand-up, ainda não interiorizaram isso? *Idiotinhas!*” E de repente ele bate com inacreditável força na testa: “Para que eles vieram aqui? Vieram para rir de você. Não é isso, meus irmãos?”.

Foi uma pancada horrível, esse tapa na testa. Uma inesperada explosão de violência. O extravasar de alguma informação obscura que pertence a um lugar totalmente diferente. Instala-se o silêncio. Alguém morde uma bala e ouve-se o barulho no salão inteiro. Por que ele insistiu que eu viesse? Por que ele precisa de um agressor, eu penso, quando ele faz isso sozinho e maravilhosamente bem?

“Ouçam uma história”, ele declara, como se a pancada não

tivesse acontecido. Como se não houvesse uma mancha branca em sua testa que começa a ficar vermelha, e como se seus óculos não estivessem agora tortos sobre o nariz. “Uma vez, eu devia ter uns doze anos, resolvi que ia descobrir o que tinha acontecido nove meses antes de eu nascer para excitar meu pai a ponto de ele se atirar dessa maneira sobre a minha mãe. E entendam que, com exceção de mim, não existiam quaisquer evidências de haver atividade vulcânica nas calças dele. Não que ele não amasse a minha mãe, notem bem, tudo que esse homem fazia na vida desde o momento em que abria os olhos de manhã até dormir, todos os truques com os depósitos e as motonetas e as peças de reposição e as roupas velhas e os zíperes e as artimanhas — façam de conta que vocês entendem do que estou falando, o.k.?, Boa, Netanya —, então, para ele todas essas besteiras, mais do que um ganha-pão, mais do que tudo, eram para impressioná-la, para fazer com que ela sorrisse para ele, fizesse um carinho na cabeça dele: bom menino, bom menino. Tem homens que escrevem poemas para a amada, não é verdade?” “Verdade”, respondem algumas vozes da plateia, ainda um pouco assustadas. “E alguns que cantam uma serenata, não é verdade?” “Verdade!”, algumas vozes débeis se somam às primeiras. “E tem aqueles, digamos, que compram diamantes, uma cobertura, um quatro por quatro, uma sonda retal de designer, não é?” “É!”, gritam agora muitas vozes, ansiosas por agradá-lo. “E tem aqueles como meu papi, que compram duzentas calças jeans falsificadas de uma velha romena na rua Allenby — ‘romeno é ladrão, polonês é seu patrão’ — e depois vendem tudo na barbearia, num quartinho dos fundos, como se fossem Levi’s, e tudo isso para quê? Para que meu papi possa mostrar a ela de noite, numa caderneta, quantos centavos ele ganhou com isso.”

Ele para, seus olhos vagueiam pelo salão, e por um momento, inexplicavelmente, o público prende a respiração como se estivesse vendo alguma coisa, junto com ele.

“Mas tocar nela de verdade, como um homem toca numa mulher, até mesmo, digamos, uma mãozinha na bunda no corredor, um pouco de pita com húmus — isso nunca na vida eu vi ele fazer. Então me digam vocês, meus irmãos, afinal vocês são pessoas inteligentes, já que decidiram morar em Netanya, me expliquem aqui e agora por que ele não tocava nela. Hã? Não tem uma *fucking* de uma explicação. Mas esperem aí!”, ele fica na ponta dos pés e lança ao público um olhar agitado e agradecido. “Vocês querem mesmo saber mais sobre isso? Vocês estão realmente pensando agora nas histórias toscas da minha família real?” Aqui o público se divide: parte aclama e incentiva, parte grita para que ele comece logo a contar piadas e a fazer rir. Os dois motociclistas pálidos em roupas de couro preto tamborilam na mesa com as mãos, fazendo seus copos de cerveja saltitarem. Difícil saber quem eles estão apoiando, talvez estejam apenas se divertindo ao alimentar a confusão. Ainda não consegui identificar se são dois rapazes ou um rapaz e uma moça, ou duas moças.

“Basta, não está certo! Vocês estão mesmo a fim da novela da dinastia Grinstein agora? Não, deixem eu entender, Netanya, isto é uma tentativa de desvendar o enigma da minha personalidade magnética?” Ele me fulmina com um olhar divertido, provocador. “Vocês realmente acham que podem acertar onde todos os biógrafos e pesquisadores erraram?” Quase todo o público aplaude. “Então vocês são de verdade meus irmãos! Somos maninhos, Netanya! Cidades gêmeas!” Ele se derrete e arregala os olhos, refletindo uma ingenuidade sem fim. O público ri com vontade. As pessoas sorriem umas para as outras. Até a mim chegam alguns sorrisos esparsos.

Ele está de pé na ponta do palco, o bico fino da bota projeta-se para além da borda, e conta nos dedos as possibilidades: “Um: vai ver ele admirava tanto ela, o meu pai, a ponto de ter medo de tocá-la? Dois: vai ver ela sentia aversão por ele andar

pela casa com uma dessas redes nos cabelos, quando lavava a cabeça? Três: vai ver pelo que ela passou no Holocausto, e pelo fato de que ele não participou daquele momento nem mesmo como estatística? Para que entendam, o cara não só não foi morto, ele nem mesmo *se feriu* no Holocausto! Quatro: vai ver nem eu nem vocês estamos prontos para que nossos pais se encontrem?”. O público ri, e ele — o humorista, o palhaço — novamente se agita no palco. Seus jeans estão rasgados na altura dos joelhos, mas veste um par de suspensórios vermelhos com fivelas douradas, e em suas pequenas botas de vaqueiro estão coladas estrelas de xerife prateadas. Agora percebo que em sua nuca saltita uma pequena e raquítica trança.

“Em resumo, só para liquidar essa história para que possamos começar a noite que já vai terminar: o cara aqui abriu o calendário, folheou exatamente nove meses antes do seu nascimento, achou a data e correu para uma pilha daquele jornal revisionista, *Cherut*, que meu pai colecionava, esses *Cherut* ocupavam metade de um quarto da nossa casa; outro meio quarto era para os trapos que ele vendia, o papi, e para jeans e bambolês e aparelhos de matar baratas com raios ultravioleta, façam...”

“de conta que estão entendendo”, algumas vozes vindas do bar completam alegremente o movimento sinuoso das mãos dele.

“Beleza, Netanya”, mesmo quando ri o olhar dele é muito concentrado e desprovido de alegria, como se estivesse controlando a esteira rolante na qual as piadas saem de sua boca. “E nós três, o material biológico, digamos, da família, nos apertávamos no quarto e meio restante, e aliás, ele não deixava jogar fora uma página sequer desse *Cherut*. ‘Ainda será a Bíblia das próximas gerações!’, era o que nos dizia apontando para o céu, e o pequeno bigode dele ficava espetado como se tivesse levado um choque no saco. E lá, exatamente naquela data, nove meses antes de eu aparecer e virar pelo avesso o equilíbrio ecológico, onde vocês

acham que euzinho fui parar? Direto na Guerra do Sinai, em 1956! Estão percebendo a jogada? Fala sério, não é uma coisa de louco? Abdel Nasser anuncia que está nacionalizando o canal de Suez, fechando o canal na nossa cara, e o meu pai, Chezkel Grinstein de Jerusalém, um metro e cinquenta e nove, peludo como um macaco e com lábios de mulher, não hesita nem um minuto e parte para abrir o canal! Então, se pensarmos bem, eu sou na verdade uma espécie de operação de retaliação! Percebem? Eu sou a primeira represália! Estão me entendendo? Tem a campanha do Sinai, a operação Karame, a operação Entebe, a ação Emmo, e tem a operação Grinstein, cujos detalhes ainda são parcialmente secretos e não posso revelá-los, mas da qual por acaso temos aqui um áudio muito raro, cuja qualidade não é lá essas coisas: ‘Sra. Grinstein, abra as pernas! Tome isso, ditador do Egito!’ Desculpe, mãe! Desculpe, pai! Minhas palavras estão fora de contexto! Mais uma vez traí vocês!”

E ao proferir essas palavras ele esbofeteia o próprio rosto com uma selvageria incontida, com as duas mãos. E repete o gesto mais uma vez.

Por alguns instantes sinto na boca um gosto de metal e ferrugem. A meu lado, pessoas se encolhem nas cadeiras, com as pálpebras tremendo. Numa mesa próxima, uma mulher sussurra energeticamente alguma coisa na orelha do marido e pega a bolsa, mas ele põe a mão na coxa dela para impedi-la.

“Agora, Netanya *mon amour*, o sal da terra — aliás, não é verdade que toda vez que alguém pergunta numa rua daqui que horas são, na maior parte das vezes é um policial? É brincadeira, só estou brincando!” Ele se contrai todo, junta as sobrancelhas e os olhos se agitam para os lados. “Não tem por acaso algum Alperon na plateia, para que lhe prestemos homenagem? Ou algum Abutbul? Da turma do Dede, tem alguém aí? Beber Amar não está aqui? Algum parente de Boris Elkosh? Do pequeno Pi-

nush? Quem sabe Tiran Shirazi encontra-se no salão, nos honrando com sua presença? Ben Sutachi? A família de Chanina Elbaz? Eliahu Rustashvili? Simon Buzatov?”

Aos poucos alguns aplausos fracos vão se juntando a seu falatório. Tenho a impressão de que eles ajudam as pessoas a se livrar do silêncio que as tomou há alguns instantes.

“Não”, ele grita, “não me entendam mal, só estou verificando, Netanya, fazendo o reconhecimento! Sempre que vou me apresentar em algum lugar, dou antes um Google para ver os perigos.”

E aqui ele de repente se cansa. Como se esvaziasse de uma só vez. Põe as mãos na cintura e toma fôlego. Seus olhos estão arregalados e fixos no vazio, petrificados como os olhos de um velho.

Ele me telefonou há mais ou menos duas semanas. Às onze e meia da noite. Eu tinha acabado de voltar de um passeio com a minha cachorra. Ele se apresentou, com uma expectativa tensa e festiva na voz. Não correspondi a ela. Ele se atrapalhou e perguntou se era eu mesmo e se o nome dele não me dizia nada. Eu disse que não. Esperei. Detesto pessoas que me aparecem com testes desse tipo. O nome até me soou familiar, obscuro e familiar. Não de alguém que conheci no trabalho, disso eu tinha certeza: a repulsa que senti era de outro tipo. Era alguém de um círculo mais íntimo, pensei. Com um potencial muito grande de me machucar.

“Ai!”, ele riu, “eu tinha certeza de que você se lembraria...” Ele tinha uma risada lenta e a voz um pouco rouca, por um momento achei que estivesse bêbado. “Não se preocupe”, ele disse, “vou ser breve”. E então ele brincou: “Este sou eu: breve. Quase não chego a um metro e sessenta”.

“Ouça”, eu disse, “o que você quer de mim?”

Ele se calou, surpreso. De novo quis saber se era eu mesmo. “Quero fazer um pedido”, disse, de repente concentrado e organizado. “Me ouça e decida, não tem problema se disser não. No *hard feelings*. Também não é nada que vai tomar muito do seu tempo, só uma noite. Eu vou pagar, é claro, quanto você quiser, não vou regatear com você.”

Eu estava sentado na cozinha, a guia da cachorra ainda na minha mão. Ela estava lá de pé, fraca e arfando, olhando para mim com aqueles olhos humanos, como que admirada por eu não interromper logo aquela conversa.

Um estranho cansaço desabou sobre mim. Senti que entre esse homem e eu desenrolava-se paralelamente outra conversa, obscura, e que eu era lento demais para assimilá-la. Aparentemente ele esperava uma resposta, mas eu não sabia o que ele pedia. E talvez já tivesse pedido e eu não tinha ouvido. Lembro que olhei para meus sapatos. Alguma coisa neles, o modo como um se voltava para o outro, me apertou de repente a garganta.

Ele cruza devagar o palco em direção a uma poltrona que está na ponta direita. É uma poltrona grande, vermelha, envernizada. Talvez ela também, como o grande jarro de cobre, tenha sobrado de alguma peça encenada neste salão. Ele se afunda nela com um suspiro, cada vez mais fundo, e parece que logo será completamente engolido.

As pessoas olham para os copos, agitam em círculos o vinho, petiscam distraídas amendoins e amêndoas nos pratos.

Silêncio.

E então, risinhos abafados. Ele parece um menino na poltrona de um gigante. Percebo que alguns procuram não rir escancaradamente, e também se esquivam do olhar dele, como

temendo se complicar num tortuoso e íntimo acerto de contas que o homem está fazendo consigo mesmo. Talvez estejam sentindo, como eu, que de algum modo já se complicaram nesse acerto de contas e com esse homem mais do que pretendiam. Aos poucos as botas dele vão se erguendo, revelando a nossos olhos os saltos altos, um tanto femininos. Os risinhos aumentam, agarram-se uns nos outros, e um grande riso varre a plateia.

Ele chuta e agita os braços como se estivesse se afogando, grita e sufoca, e por fim se arranca das profundezas da poltrona, dá um salto e fica a alguns passos dela, ofegante e olhando desconfiado para o móvel. O público ri, aliviado — o bom e velho pastelão —, ele lhes crava uma expressão aterrorizadora, e todos riem mais. Finalmente Dovale também se permite sorrir, absorve o riso que cai sobre ele. Novamente, aquela suavidade inesperada atenua sua feição, e o público corresponde a ela, se adoça sem perceber, e ele, o cômico, o animador, o bufão, entrega-se por completo ao reflexo de seu sorriso no rosto das pessoas, e por um momento quase se pode pensar que acredita no que vê.

E mais uma vez, como se ele não conseguisse aguentar nem por um minuto essa afeição, sua boca se estende numa linha fina, cheia de fastio. Já vi antes esse espasmo: o pequeno roedor, num movimento súbito, morde a si mesmo.